

Associação entre motivação e coesão de grupo no futebol profissional: o relacionamento treinador-atleta é um fator determinante?

Lenamar Fiorese *, Gislaïne Contessoto Pizzo*, Andressa Ribeiro Contreira*, Tatyane Roiek Lazier-Leão*, Caio Rosas Moreira*, Patrícia Aparecida Gaion Rigoni* e José Roberto Andrade do Nascimento Junior**

ASSOCIATION BETWEEN MOTIVATION AND GROUP COHESION IN PROFESSIONAL FOOTBALL: IS THE COACH-ATHLETE RELATIONSHIP A DETERMINING FACTOR?

KEYWORDS: Social relationship; Self-determination; Group environment.

ABSTRACT: The study of psychological variables in sport context is essential for the identification of the intervening factors in well-being and performance of the athletes and teams. This study investigated whether the coach-athlete relationship (CAR) is a key factor on the association between motivation and group cohesion. Participated 141 Brazilian professional football players. Data collection was conducted through Group Environment Questionnaire, Coach-Athlete Relationship Questionnaire and Sport Motivation Scale-II. Structural Equation Modeling revealed that autonomous motivation had a positive effect on cohesion (social and task), while controlled motivation had a negative effect. Together, autonomous and controlled motivation explained 86% and 84% of the social and task cohesion variability, respectively. When the association was mediated by CAR, overall effect of negative trajectories of controlled motivation was reduced, indicating that CAR served as a moderator in the model. It was concluded that CAR is determinant so that the behavior regulated by external factors does not negatively influence the perception of group cohesion in the football context.

Pesquisas recentes evidenciam que a coesão de grupo é fundamental para o sucesso de uma equipe esportiva, uma vez que está diretamente ligada ao bem-estar, desempenho e realização de tarefas com maior eficiência (Eys, Jewitt, Evan, Wolf, Bruner e Loughhead, 2013; Balaguer, Castillo, Ródenas, Fabra e Duda, 2015). Nesse sentido, na perspectiva do Modelo Conceitual de Coesão Esportiva proposto por Carron, Brawley, e Widmeyer (1998), a coesão é definida como um processo dinâmico composto por aspectos sociais e da tarefa refletido na tendência do grupo estar e permanecer unido em busca dos objetivos e da satisfação das necessidades afetivas dos membros.

Estudos apontam a coesão como um processo multidimensional, influenciado por fatores ambientais e inerentes ao indivíduo (normativas, personalidade, perfeccionismo, relações sociais, liderança e auto eficácia) (Vieira, Vieira e Nascimento Junior, 2013; Mokhtari, Mashhoodi, Rahmati, 2013; Nascimento Junior, Contreira, Moreira, Pizzo, Ribeiro, Vieira, 2016) que podem interferir na percepção de coesão de equipes esportivas. Estes fatores ainda podem ser interpretados como mediadores entre a relação motivação/interação social como a coesão esportiva (Jowett e Chaundy, 2004; Alemu e Babu, 2012; Balaguer et al., 2015). A motivação, especificamente, é definida como as forças internas e externas que levam à iniciação, direção, intensidade e persistência do comportamento, direcionando as ações dos indivíduos (Vallerand, 2000). Tal variável pode ser investigada como um fator antecedente da coesão e decorrente dos objetivos do indivíduo frente às atividades, se tornando imprescindível para a permanência dos atletas no esporte, bem como para o desenvolvimento das relações sociais (Deci e Ryan, 2012; Balaguer et al., 2015). Além

disso, também é vista como propulsora da coesão de grupo (Alemu e Babu, 2012; Garcia-Calvo, Leo, Gonzalez-Ponce, Sánchez-Miguel, Mouratidis e Ntoumanis, 2014) na medida em que as estratégias utilizadas pelos treinadores ao longo dos treinos favorecem a cooperação e comunicação da equipe.

Quanto às relações sociais, o treinador tem sido apontado como um elemento que atua sobre o desempenho e bem-estar emocional dos atletas, ao considerar que as situações esportivas exigem do líder a utilização de diferentes comportamentos na condução das equipes (Chelladurai, 2007; Garcia-Calvo et al., 2014; Balaguer et al., 2015). Apesar da importância da liderança para a melhora do desempenho, investigações recentes têm evidenciado que não só os comportamentos dos treinadores são propulsores de um ambiente harmonioso, mas também as relações estabelecidas com seus atletas, abrangendo seus sentimentos e pensamentos (Mageau e Vallerand, 2003; Gillet, Vallerand, Amoura e Baldes, 2010).

Nesta perspectiva, o relacionamento treinador-atleta (RTA) recebe destaque na literatura internacional (Jowett e Poczwadowski, 2007; Jowett e Shanmugam, 2016) por referir-se a uma situação dinâmica em que os aspectos cognitivos, comportamentais e afetivos de treinadores e atletas se relacionam de forma interdependente (Jowett e Poczwadowski, 2007). Jowett e Chaundy (2004) identificaram que a liderança mediada pelo RTA prediz uma maior variância da coesão de grupo, indicando que equipes com RTA de qualidade tendem a desenvolver altos níveis de coesão. Hampson e Jowett (2014) verificaram que o RTA foi um importante mediador do estilo de liderança e eficácia coletiva em equipes de futebol. Apesar do

Correspondência para: Lenamar Fiorese. Universidade Estadual de Maringá (UEM). Departamento de Educação Física. Av. Colombo, 5790 - Zona 7, Maringá - PR, Brasil. E-mail: lenamarfiorese@gmail.com

* Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil.

**Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, Pernambuco, Brasil.

"Artículo invitado con revisión por pares"

papel mediador do RTA nas relações sociais no esporte ter sido identificado em diversas pesquisas, esta temática é pouco explorada no Brasil devido à recente validação transcultural do instrumento que mede o RTA na perspectiva dos atletas (Vieira et al., 2015). Este aspecto é identificado como uma lacuna na literatura brasileira com vistas a abordar as relações do RTA com a motivação e coesão de grupo no esporte de alto rendimento, especificamente no futebol, que é o esporte mais popular no Brasil e no mundo.

Estas relações podem ser fundamentadas pela Teoria da Autodeterminação (TAD), que tem recebido destaque como uma das teorias mais utilizadas nas pesquisas sobre motivação no esporte, abrangendo os fatores que podem influenciá-la ou intermediá-la (Deci e Ryan, 2012) nos mais diferentes níveis de competição (Chan, Dimmock, Donovan, Hardcastle, Lentillon-Kaestner e Hagger, 2015). A TAD aponta a existência de estilos regulatórios (externa, introjetada, identificada, integrada e interna) que são apresentados em um continuum que representa a motivação da forma menos autodeterminada (motivação controlada) para a mais autodeterminada (motivação autônoma). Com vistas a compreender os fatores intervenientes sobre a coesão de grupo utilizando a TAD como base teórica, o presente estudo objetivou investigar a associação entre a motivação e a coesão de grupo de jogadores brasileiros profissionais de futebol, buscando especificamente verificar se o RTA é um fator determinante nessa associação.

Método

Este estudo caracteriza-se como descritivo-correlacional com delineamento transversal, de abordagem quantitativa (Thomas, Nelson e Silverman, 2012). A pesquisa descritivo-correlacional visa explorar as relações entre as diferentes variáveis investigadas, sem estabelecer relação de causa e efeito entre elas.

Participantes

Foram avaliados 141 atletas profissionais do sexo masculino (idade 20.01 ± 2.29 anos), com contrato profissional vigente em seis clubes filiados à Federação Paranaense de Futebol (FPF), representando aproximadamente 60% dos atletas filiados a FPF. Como critério de seleção da amostra, considerou-se o atleta estar associado à FPF e representar os clubes em competições estaduais e nacionais. Destaca-se que as equipes participantes são oriundas do estado do Paraná, mas os atletas constituintes das equipes são oriundos das diferentes regiões do país.

Instrumentos

O nível de coesão das equipes foi avaliado pelo Questionário de Ambiente de Grupo - GEQ (Eys, Carron, Bray e Brawley, 2007) validado para o contexto brasileiro (Nascimento Junior, Vieira, Rosado e Serpa, 2012). O questionário é constituído por 16 itens que avaliam o nível de coesão em equipes esportivas e são distribuídos em quatro dimensões: 1) Integração no Grupo-Tarefa, 2) Integração no Grupo-Social, 3) Atração Individual para o Grupo-Tarefa e 4) Atração Individual para o Grupo-Social. As respostas são obtidas em uma escala do tipo Likert de nove pontos que variam de “discordo totalmente” (1) a “concordo totalmente” (9). O alfa de Cronbach (0.88) foi adequado, a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) apresentou estrutura fatorial satisfatória [$X^2(96) = 147.21$; $X^2/g1 = 1.53$; CFI = 0.94; GFI = 0.90; TLI =

0.92; RMSEA = 0.06] e os valores da confiabilidade composta (CC) foram adequados, variando de 0.71 a 0.82.

O RTA foi avaliado pelo Coach-Athlete Relationship Questionnaire (CART-Q) – Athlete version (Jowett e Ntoumanis, 2004), validado para o contexto brasileiro (Vieira, Nascimento Junior, Pujals, Codonhato, Jowett e Vissoci, 2015). O questionário prediz a existência de um fator latente denominado RTA (Jowett e Ntoumanis, 2004). A escala é constituída por 11 itens distribuídos em três dimensões: Proximidade, Comprometimento e Complementaridade. As respostas são dadas numa escala tipo Likert de 7 pontos que variam de “Discordo totalmente” (1) a “Concordo totalmente” (7). O alfa de Cronbach do questionário foi satisfatório (0.87), a AFC revelou ajuste aceitável [$X^2(40) = 69.90$; $X^2/g1 = 1.75$; CFI = 0.94; GFI = 0.93; TLI = 0.92; RMSEA = 0.08] e CC para a consistência interna foi satisfatória, variando de 0.70 a 0.75.

Para avaliação da motivação foi utilizada a Escala de Motivação para o Esporte II (SMS-II) (Pelletier, Rocchi, Vallerand, Deci e Ryan, 2013), validada para o contexto brasileiro (Nascimento Junior, Vissoci, Balbim, Moreira, Pelletier e Vieira, 2014). O questionário é constituído por 18 itens distribuídos em seis regulações (Intrínseca, Integrada, Identificada, Introjetada, Externa e Amotivação). As respostas variam numa escala tipo Likert de sete pontos que variam de “Não corresponde totalmente” (1) a “Corresponde completamente” (7). O alfa de Cronbach do questionário foi satisfatório (0.89), a AFC revelou ajuste aceitável [$X^2(118) = 177.25$; $X^2/g1 = 1.50$; CFI = 0.89; GFI = 0.90; TLI = 0.88; RMSEA = 0.06] e a CC para a consistência interna das dimensões foi aceitável, variando de 0.61 a 0.70. De acordo com as categorias propostas no continuum da TAD (Deci e Ryan, 2012), as regulações identificada, integrada e intrínseca são os componentes que mais se aproximam da motivação autônoma (motivação mais autodeterminada), enquanto que as regulações introjetada e externa são os componentes mais próximos da motivação controlada. Quanto ao estilo regulatório amotivação, é um componente que representa a total ausência de motivação dos indivíduos para determinadas atividades. Destaca-se que neste estudo a dimensão amotivação não foi utilizada nas análises, uma vez que o objetivo da pesquisa foi investigar as associações das motivações (autônoma e controlada) e a coesão de grupo dos atletas brasileiros profissionais de futebol, buscando especificamente verificar se o RTA é um fator determinante nessa associação.

Procedimentos

O estudo foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (UEM), protocolo nº 1.324.411/2015. Inicialmente foram contatadas a diretoria e a comissão dos clubes de futebol filiados à FPF. Em seguida, os atletas foram convidados a participar da pesquisa assinando o termo de consentimento livre e esclarecido. Os questionários foram aplicados pelos próprios pesquisadores sob supervisão de uma psicóloga nos locais de treinamento das equipes, uma hora antes do início do treinamento e com duração de aproximadamente 30 minutos para preenchimento dos questionários.

Análise dos dados

Análise descritiva. Os resultados descritivos foram expressos por meio da média e desvio-padrão e a correlação entre as variáveis foi realizada pelo coeficiente de correlação de Spearman, utilizando-se o pacote SPSS 20.0. A verificação da

normalidade dos dados foi identificada pelo teste de *Anderson-Darling*, obtendo-se distribuição não-normal.

Modelagem de Equações estruturais (MEE). A análise principal envolveu a MEE, utilizando o software *AMOS 22.0*. O modelo hipotético verificou a existência de cinco fatores latentes (Motivação Autônoma, Motivação Controlada, RTA, Coesão social e Coesão para a tarefa) a partir das dimensões dos questionários. Procedimentos semelhantes de gerar variáveis latentes a partir das dimensões dos questionários têm sido adotados por diversos pesquisadores da psicologia do esporte (Bruner; Boardley e Cotè, 2014; Yang, Jowett e Chan, 2015; Nicholls e Perry, 2016). Dessa forma, foram testadas pelo MEE as suposições descritas no modelo hipotético, verificando como o RTA media a associação entre a motivação e a coesão de grupo.

O MEE foi testado seguindo o método de duas etapas (two-step): Etapa 1) Especificar e identificar o submodelo de medida, realizando uma análise fatorial confirmatória (AFC) do modelo de mensuração; e Etapa 2) Especificar e identificar o submodelo estrutural, estabelecendo trajetórias e erros para as variáveis endógenas (Marôco, 2010).

A qualidade do ajuste do modelo foi analisada de acordo com os índices de ajuste e o ajustamento local foi avaliado pelas cargas fatoriais e pela confiabilidade dos itens. Foi utilizado o método de estimação dos Mínimos Quadrados. A verificação da existência de casos outliers foi avaliada por meio da distância quadrada de Mahalanobis (D^2) (Byrne, 2010). Foi avaliada também a distribuição univariada por meio da assimetria ($ISkI < 3,0$) e curtose ($IKuI < 10$), e a distribuição multivariada (coeficiente de Mardia para a curtose multivariada) (Kline, 2012).

Os indicadores de adequação do modelo (Ajustes Absoluto, Incremental e Parcimonioso) foram: o X^2/gl (valores entre 1.0 e 3.0 são satisfatórios), a RMSEA (inferior a 0.08) e GFI/CFI/TLI

(acima de 0.90) (Byrne, 2010; Marôco, 2010). A interpretação dos coeficientes das trajetórias teve como referência: pouco efeito para cargas fatoriais < 0.20 , médio efeito para cargas fatoriais até 0.49 e grande efeito para cargas fatoriais > 0.50 (Kline, 2012). O nível de significância adotado foi de $p < 0.05$.

Resultados

Análise Descritiva

A Tabela 1 apresenta os valores descritivos das dimensões de cada construto avaliado (RTA, motivação e coesão de grupo), bem como os valores das correlações múltiplas entre as variáveis. Ao observar a Tabela 1, nota-se que o comprometimento e a proximidade do RTA se correlacionaram com todas as variáveis de coesão de grupo ($r > 0.45$), enquanto a complementaridade somente se correlacionou com a dimensão integração grupo-social ($r = 0.43$). Para as dimensões da motivação, verificou-se que somente a regulação intrínseca se correlacionou com integração grupo-social ($r = 0.41$) e a regulação identificada com atração grupo-social ($r = 0.40$) ($p < 0.05$).

Modelo de Equações Estruturais

O modelo de medida (Etapa 1) apresentou índices aceitáveis [$X^2(44) = 80.52$; $p = 0.001$; $X^2/gl = 1.83$; CFI = 0.95; GFI = 0.92; TLI = 0.93; RMSEA = 0.07; $p(RMSEA < 0.05) = 0.053$]. A qualidade do ajustamento local e a confiabilidade interna dos itens também foi confirmada com todas as trajetórias obtendo cargas fatoriais significativas ($p < 0.05$) e > 0.50 . Em seguida, procedeu-se com a análise do modelo hipotético (Etapa 2). O modelo testado (Figura 1) apresentou indicadores de ajuste suficientemente adequados [$X^2(45) = 80.42$; $p = 0.001$; $X^2/gl = 1.79$; CFI = 0.96; GFI = 0.92; TLI = 0.94; RMSEA = 0.07; $p(RMSEA < 0.05) = 0.065$].

Variáveis	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.
CG												
1.		0.53*	0.66*	0.53*	0.57*	0.47*	0.43*	0.41*	0.30	0.31	0.11	0.03
2.			0.46*	0.50*	0.46*	0.45*	0.26	0.28	0.19*	0.20	0.03	-0.04
3.				0.53*	0.57*	0.45*	0.37	0.36	0.21	0.31	0.02	-0.05
4.					0.58*	0.47*	0.38	0.39	0.30	0.40*	0.16	-0.07
RTA												
5.						0.66*	0.64*	0.35	0.27	0.30	0.18	-0.04
6.							0.58*	0.31	0.17	0.20	0.16	-0.07
7.								0.23	0.25	0.20	0.24	0.02
Motivação												
8.									0.47*	0.49*	0.30	0.12
9.										0.55*	0.39	-0.04
10.											0.38	0.15
11.												0.19
12.												
x	7.72	5.67	8.01	7.08	6.47	5.52	6.21	6.05	5.94	5.81	5.46	3.37
dp	1.35	1.83	1.27	1.34	0.93	1.16	0.99	0.96	1.01	1.05	1.14	1.36

* $p < 0.05$. **CG.** Coesão de Grupo; **RTA.** Relacionamento Treinador-Atleta; 1. Integração grupo Social; 2. Integração grupo tarefa; 3. Atração grupo tarefa; 4. Atração grupo social; 5. Proximidade; 6. Comprometimento; 7. Complementaridade; 8. Regulação intrínseca; 9. Regulação integrada; 10. Regulação identificada; 11. Regulação introjetada; 12. Regulação Externa.

Tabela 1. Correlação entre as dimensões de coesão de grupo, relacionamento treinador-atleta e as regulações de motivação dos atletas de futebol.

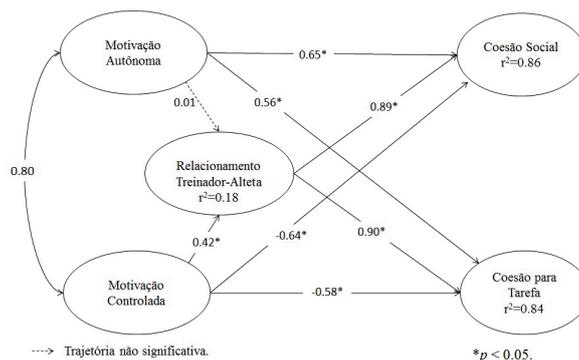


Figura 1. Modelo estrutural da influência mediadora do RTA na associação entre a motivação e a coesão de grupo no contexto do futebol profissional.

As variáveis latentes de coesão social e para a tarefa foram explicadas 86% e 84%, respectivamente, enquanto o RTA foi explicado em 18% pela motivação autônoma e controlada (Figura 1). Na relação direta estabelecida entre a motivação controlada e a coesão social e para a tarefa, os efeitos foram negativos ($\beta = -0.64$ e $\beta = -0.58$). No entanto, quando esta relação foi mediada pelo RTA, o efeito total dessas trajetórias sofreu uma redução ($\beta = -0.27$ e $\beta = -0.21$), uma vez que o RTA adicionou um efeito mediador positivo ($\beta = 0.37$), atuando como um elemento moderador na associação entre o comportamento regulado de forma controlada e a percepção de coesão.

Já as trajetórias diretas da motivação autônoma para as variáveis de coesão permaneceram significativamente positivas quando mediadas ou não pelo RTA (Tabela 2), demonstrando que, por si só, a motivação autônoma é suficiente para uma boa percepção de coesão, ao considerar que o RTA acrescenta apenas 0.01 no efeito total. Tal resultado já era esperado, uma vez que o efeito da motivação autônoma sobre o RTA não foi significativo, indicando que a qualidade do RTA não acrescenta efeito na associação entre a motivação autônoma e a coesão de grupo.

Variável Dependente	Variável Independente	Efeito Padronizado		
		Direto	Indireto	Total
Relacionamento Treinador – Atleta (RTA) ($R^2 = 0.18$)	Motivação Autônoma	0.01		0.01
	Motivação controlada	0.42*		0.42
Coesão Social ($R^2 = 0.86$)	Motivação Autônoma	0.65*	0.01	0.66
	Motivação Controlada	-0.64*	0.37*	-0.27
	RTA	0.89*		
Coesão para Tarefa ($R^2 = 0.84$)	Motivação Autônoma	0.56*	0.01	0.57
	Motivação Controlada	-0.58*	0.37*	-0.21
	RTA	0.90*		

Tabela 2. Efeitos padronizados Direto, Indireto e Total do modelo estrutural.

Discussão

O presente estudo buscou investigar a associação entre a motivação e a coesão de grupo de jogadores brasileiros profissionais de futebol, buscando especificamente verificar se o RTA é um fator determinante nessa associação, utilizando a TAD como base teórica. Ressalta-se que o RTA demonstrou ser um fator determinante na associação entre a motivação controlada e a coesão de grupo, reduzindo o efeito negativo sobre a coesão (social e tarefa) (Figura 1). Embora os efeitos diretos da motivação controlada tenham sido negativos sobre as dimensões de coesão, com a mediação do RTA estes efeitos negativos foram reduzidos, evidenciando o RTA como um moderador dessa associação. Para motivação autônoma, contudo, mesmo com a mediação do RTA, os efeitos mantiveram-se positivos sobre a coesão (Figura 1).

Tais resultados permitem a compreensão de que não só a motivação autônoma é responsável pelo engajamento e

continuidade no esporte, mas outras formas de motivações controladas como as conexões sociais são relevantes para este engajamento (Vallerand, Pelletier e Koestner, 2008). Nesse sentido, as influências das outras pessoas como fontes de motivação para a realização de atividades (motivação controlada) como as interações estabelecidas com os treinadores, podem refletir sobre as relações dentro da equipe. De acordo com a literatura, as atitudes exercidas pelo treinador (apoio, envolvimento e autonomia) contribuem para que os atletas se sintam motivados para suas práticas esportivas (Gillet, Vallerand, Amoura e Baldes, 2010; Balaguer et al., 2015) e estas informações são condizentes com a TAD (Deci, Ryan e Guay 2013), que sugere que as contingências do meio exercem influência sobre o indivíduo nas suas escolhas e permanência em atividades.

Assim, os agentes sociais externos (treinadores, pais, amigos) são significativos para a inserção dos indivíduos no esporte e na prática de atividades físicas (Deci e Ryan, 2012). No caso dos

treinadores, por serem as figuras de autoridade no contexto esportivo, a sua responsabilidade pela administração dos treinos, comportamentos dos atletas e das relações sociais da equipe influenciam de forma significativa o desenvolvimento da motivação autodeterminada (Mageau e Vallerand, 2003). Ademais, ao sentirem-se mais competentes e autônomos, os atletas se conectam melhor com seus companheiros (Deci, Ryan e Guay, 2013). Essa situação é confirmada por Jowett e Shanmugam (2016), que apontam que as relações diádicas permitem a transformação de treinadores e atletas, de modo que uma conexão eficaz é benéfica aos sentimentos de pertencimento e valorização dentro das equipes.

Os achados deste estudo quanto ao papel do RTA estão em conformidade com a pesquisa de Jowett e Chaundy (2004) que investigaram as contribuições da liderança do treinador mediado pelo RTA sobre a coesão de atletas universitários, verificando que o estilo de liderança do treinador explicou melhor a coesão (tarefa e social) quando mediado pelo RTA.

É necessário destacar que os aspectos positivos advindos do RTA sobre as relações do grupo são decorrentes da relação legítima (verdadeira) de trabalho que estabelecem no contexto esportivo, pautada na confiança e respeito, considerados fundamentais para o alcance dos objetivos da diáde e da equipe (Jowett e Shanmugam, 2016). Pesquisas apontam que além do RTA, outras variáveis podem ser atreladas ao treinador e sua atuação sobre os atletas, dentre as quais destacam a técnica, motivação, estratégias, caráter do treinador, estilo de liderança, que também podem incidir sobre a coesão das equipes esportivas (Nascimento Junior e Vieira, 2012; Mokhtari, Mashhoodi e Rahmati, 2013; Garcia-Calvo et al., 2014). Contudo, há de se considerar que este estudo se limitou a avaliar a motivação, coesão de grupo e RTA.

Para a motivação autônoma dos jogadores brasileiros, os achados revelaram que não houve alterações na associação com a coesão de grupo quando mediada pelo RTA, indicando que no futebol profissional o comportamento regulado de forma autônoma independe da influência do treinador para impactar sobre a coesão de grupo. Por definição, a motivação autônoma como orientação de causalidade é caracterizada pela busca dos indivíduos por desafios, regulando sua motivação conforme a satisfação de suas necessidades básicas (autonomia, competência e relacionamento), valores e interesses (Deci e Ryan, 2012). Dessa forma, entende-se que a iniciativa e autonomia do indivíduo para gerir sua prática esportiva reflete de forma positiva sobre as interações sociais dentro da equipe e sobre o alcance das metas (Jowett e Chaundy, 2004), não dependendo de um agente

mediador (treinador) para que estas conexões sejam estabelecidas.

Ao analisar estes aspectos a partir dos princípios da TAD (Deci, Ryan e Guay, 2013), é possível identificar os elementos característicos da motivação autodeterminada, considerando que o indivíduo tem suas práticas pautadas no prazer, satisfação e diversão e ao sentir-se competente e autônomo para a realização das tarefas se envolve de forma mais efetiva. Dessa forma, entende-se que para o processo de desenvolvimento da motivação autodeterminada, não só as relações interpessoais são importantes, mas também a capacidade do atleta de sentir-se capaz frente às tarefas e atividades que se propõe a realizar.

Embora as evidências deste estudo apontem que o RTA é um fator determinante na associação entre a motivação controlada e a coesão de grupo no futebol profissional brasileiro, algumas limitações precisam ser apontadas. Primeiramente, somente as equipes de futebol do estado do Paraná foram incluídas, o que pode não caracterizar a realidade dos atletas brasileiros. Contudo, destaca-se que as equipes paranaenses são constituídas de atletas oriundos de diferentes regiões do Brasil. Segundo, somente os atletas do sexo masculino e de uma modalidade coletiva foram avaliados, tornando impossível generalizar os resultados para as demais modalidades esportivas e para as atletas do sexo feminino. Além disso, este estudo se restringiu a avaliação das variáveis psicológicas dos atletas em apenas um momento (corte transversal), o que pode não caracterizar as reais relações de causa e efeito entre as variáveis ao longo da temporada esportiva. Dessa forma, futuras investigações devem utilizar abordagem longitudinal com os atletas, além de avaliar as variáveis psicológicas anteriormente descritas assim como os níveis de desempenho das equipes na temporada, as quais poderiam auxiliar no entendimento dos fatores que incidem sobre a motivação e relações interpessoais no contexto esportivo.

Concluindo, o RTA pode ser considerado uma variável psicológica determinante na associação entre a motivação e a coesão de grupo, atuando como um moderador na redução dos efeitos negativos da motivação controlada sobre a coesão de grupo (social e para a tarefa). Para a motivação autônoma, o RTA não demonstrou ser um elemento interveniente na associação com a coesão, indicando que a motivação autônoma dos jogadores é suficiente para uma percepção positiva da coesão da equipe. Como implicações práticas desta pesquisa, os resultados contribuem para a intervenção de treinadores, profissionais de Educação Física e psicólogos do esporte, para que busquem estratégias que fomentem ambientes harmoniosos para a motivação, coesão e relações interpessoais dos atletas e treinadores.

ASOCIACIÓN ENTRE LA MOTIVACIÓN Y LA COHESIÓN DEL GRUPO EN EL FÚTBOL PROFESIONAL: LA RELACIÓN ENTRENADOR-ATLETA ES UN FACTOR DETERMINANTE?

PALABRAS CLAVE: Relaciones sociales; Autodeterminación; Ambiente del grupo.

RESUMEN: El estudio de las variables psicológicas en el contexto deportivo es imprescindible para la identificación de los factores intervinientes en el bienestar y desempeño de los atletas y equipos. El estudio investigó si la relación entrenador-atleta (REA) es un factor determinante en la asociación entre la motivación y la cohesión del grupo. Participaron 141 jugadores profesionales de fútbol del Brasil. Se utilizaron el Cuestionario de Ambiente del Grupo, el Cuestionario de Relación entrenador-atleta e la Escala de Motivación para el Sport-II. Lo Modelado de Ecuaciones Estructurales revelaron que la motivación autónoma tuvo efecto positivo sobre la cohesión (social y la tarea), mientras que la motivación controlada tuvo efecto negativo. Juntas, la motivación autónoma y controlada explicaron 86% y 84% de la varianza de la cohesión social y para tarea, respectivamente. Cuando la asociación fue mediada por la REA, el efecto total de las trayectorias negativas de la motivación controlada sufrió una reducción, lo que indica que la REA ha actuado como un elemento de moderación en el modelo. Se concluyó que la REA es determinante para que el comportamiento regulado por factores externos no influyen negativamente la percepción de cohesión del grupo en el contexto de fútbol.

ASSOCIAÇÃO ENTRE MOTIVAÇÃO E COESÃO DE GRUPO NO FUTEBOL PROFISSIONAL: O RELACIONAMENTO TREINADOR-ATELETA É UM FATOR DETERMINANTE?

PALAVRAS-CHAVE: Relações sociais. Autodeterminação. Ambiente de grupo.

RESUMO: O estudo das variáveis psicológicas no contexto esportivo é imprescindível para a identificação dos fatores intervenientes no bem-estar e desempenho dos atletas e equipes. Este estudo investigou se o relacionamento treinador-atleta (RTA) é um fator determinante na associação entre a motivação e a coesão de grupo. Participaram 141 jogadores profissionais de futebol do Brasil. Foram utilizados o Questionário de Ambiente de Grupo, o Questionário de Relacionamento Treinador-atleta e a Escala de Motivação para o Esporte-II. A Modelagem de Equações Estruturais revelou que a motivação autônoma teve efeito positivo sobre a coesão (social e tarefa), enquanto a motivação controlada teve efeito negativo. Juntas, a motivação autônoma e controlada explicou 86% e 84% da variância da coesão social e para tarefa, respectivamente. Quando a associação foi mediada pelo RTA, o efeito total das trajetórias negativas da motivação controlada sofreu uma redução, indicando que o RTA atuou como um elemento moderador no modelo. Concluiu-se que o RTA é determinante para que o comportamento regulado por fatores externos não influencie negativamente a percepção de coesão de grupo no contexto do futebol.

References

- Alemu, S. M., e Babu, M. S. (2012). The relationship between coaches' leadership styles, team cohesion and team success: the case of premier league soccer clubs in Ethiopia. *International Journal of Social Science e Interdisciplinary Research*, 1(11), 1-13.
- Balaguer, I., Castillo, I., Ródenas, L., Fabra, P., e Duda, J. L. (2015). Los entrenadores como promotores de la cohesión del equipo. *Cuadernos de psicología del deporte*, 15(1), 233-242.
- Bruner, M. W., Boardley, I. D., e Côté, J. (2014). Social identity and prosocial and antisocial behavior in youth sport. *Psychology of sport and exercise*, 15(1), 56-64.
- Byrne, B. M. (2013). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming*. Routledge.
- Carron, A. V., Brawley, L. R., e Widmeyer, W. N. (1998). The measurement of cohesiveness in sport groups. In J. L. Duda (Ed.). *Advances in sport and exercise psychology measurement*. Fitness Information Technology, Inc. Morgantown, USA, 1998, p.213-226.
- Chan, D. K. C., Dimmock, J. A., Donovan, R. J., Hardcastle, S. A. R. A. H., Lentillon-Kaestner, V., e Hagger, M. S. (2015). Self-determined motivation in sport predicts anti-doping motivation and intention: A perspective from the trans-contextual model. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 18(3), 315-322.
- Chelladurai, P. Handbook of Sport Psychology. In: Tenenbaum, G.; Eklund, R. (Eds.), *Leadership in Sports*. 3ed. New Jersey, 2007.
- Deci, E. L., Ryan, R. M. (2012). Self-Determination Theory. In: Deci, E. L.; Ryan, R. M. *Handbook of theories of social psychology*. Moody General Collection, p. 416-437.
- Deci, E. L., Ryan, R. M., Guay, F. (2013). Self-determination theory and actualization of human potential. In: Deci, E. L.; Ryan, R. M.; Guay, F. *Theory driving research new wave perspectives on self process human development*, 109-133.
- Eys, M. A., Carron, A. V., Bray, S. R., e Brawley, L. R. (2007). *Item wording and internal consistency of a measure of cohesion: The Group Environment Questionnaire*.
- Eys, M. A., Jewitt, E., Evans, M. B., Wolf, S., Bruner, M. W., e Loughead, T. M. (2013). Coach-initiated motivational climate and cohesion in youth sport. *Research quarterly for exercise and sport*, 84(3), 373-383.
- García-Calvo, T., Leo, F. M., Gonzalez-Ponce, I., Sánchez-Miguel, P. A., Mouratidis, A., e Ntoumanis, N. (2014). Perceived coach-created and peer-created motivational climates and their associations with team cohesion and athlete satisfaction: evidence from a longitudinal study. *Journal of sports sciences*, 32(18), 1738-1750.
- Gillet, N., Vallerand, R. J., Amoura, S., e Baldes, B. (2010). Influence of coaches' autonomy support on athletes' motivation and sport performance: A test of the hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation. *Psychology of sport and exercise*, 11(2), 155-161.
- Hampson, R., e Jowett, S. (2014). Effects of coach leadership and coach-athlete relationship on collective efficacy. *Scandinavian journal of medicine e science in sports*, 24(2), 454-460.
- Jowett, S., e Chaundy, V. (2004) "An Investigation Into the Impact of Coach Leadership and Coach-Athlete Relationship on Group Cohesion." *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 8(4), 302.
- Jowett, S., e Poczwardowski, A. (2007). Understanding the Coach-Athlete Relationship. In: Jowett, S.; Lavalee, D. *Social Psychology in Sport*. United States: Human Kinetics.
- Jowett, S., e Ntoumanis, N. (2004). The coach-athlete relationship questionnaire (CART-Q): Development and initial validation. *Scandinavian Journal of Medicine e Science in Sports*, 14(4), 245-257.
- Jowett, S., Shanmugam, V. (2016). Relational Coaching in Sport: Its psychological underpinnings and practical effectiveness. In: Schinke, R., McGannon, K. R., SMITH, B. *Routledge International Handbook of Sport Psychology*. Routledge, Cap.7.
- Kline, R. B. (2012). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling*. New York: The Guilford Press.
- Mageau, G. A., e Vallerand, R. J. (2003). The coach-athlete relationship: A motivational model. *Journal of sports science*, 21(11), 883-904.
- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software e aplicações*. ReportNumber, Lda.
- Mokhtari, P., Mashhoodi, S., e Rahmati, H. (2013). The relationships between coaching efficacy, collective efficacy, and group cohesion among pro-league and first division female futsal teams. *European Journal of Experimental Biology*, 3(2), 316-321.
- Nascimento Junior, J. R. A., Contreira, A. R., Moreira, C. R., Pizzo, G. C., Ribeiro, V. T., e Vieira, L. F. (2016). Propriedades psicométricas do Questionário de Ambiente de Grupo (QAG) para o contexto do futebol e futsal de alto rendimento. *Journal of Physical Education*, 27(1), 2742.
- Nascimento Junior, J. R. A., Vieira, L. F., Rosado, A. F. B.; Serpa, S. (2012). Validação do Questionário de Ambiente de Grupo (GEQ) para a língua portuguesa *Motriz*, 18(4), 770-782.

- Nascimento Junior, J. R. A., Vissoci, J. R. N., Balbim, G. M., Moreira, C. R., Pelletier, L. G., e Vieira, L. F. (2014). Adaptação transcultural e análise das propriedades psicométricas da Sport Motivation Scale-II no contexto brasileiro. *Journal of Physical Education*, 25(3), 441-458.
- Nicholls, A. R., e Perry, J. L. (2016). Perceptions of Coach–Athlete Relationship Are More Important to Coaches than Athletes in Predicting Dyadic Coping and Stress Appraisals: An Actor–Partner Independence Mediation Model. *Frontiers in psychology*, 7.
- Pelletier, L. G., Rocchi, M. A., Vallerand, R. J., Deci, E. L., e Ryan, R. M. (2013). Validation of the revised sport motivation scale (SMS-II). *Psychology of Sport and Exercise*, 14(3), 329-341.
- Thomas, J. R., Nelson, J. K., Silverman, S. J. (2012). *Métodos de Pesquisa em Atividade Física*. 6 ed. Porto Alegre: Artmed.
- Vieira, L. F., Nascimento Junior, J. R. A., Pujals, C., Codonhato, R., Jowett, S., e Vissoci, J. R. N. (2015). Adaptação transcultural e propriedades psicométricas do questionário de relacionamento brasileiro treinador-atleta (CART-Q) Versão atleta. *Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum*.
- Vieira, L. F., Lopes Vieira, J. L., e Andrade do Nascimento Junior, J. R. (2013). Perfeccionismo y nivel de cohesión de grupo de deportistas adultos de fútbol sala. *Revista de psicología del deporte*, 22(2), 0331-336.
- Vallerand, R. J. (2000). Deci and Ryan's self-determination theory: a view from the hierarchical model of extrinsic and intrinsic motivation. *Psychological and Inquiry*, 11, 311-318.
- Vallerand, R. J., Pelletier, L. G., e Koestner, R. (2008). Reflections on self-determination theory. *Canadian Psychology/Psychologie canadienne*, 49(3), 257.
- Yang, S. X., Jowett, S., e Chan, D. K. C. (2015). Effects of big-five personality traits on the quality of relationship and satisfaction in Chinese coach–athlete dyads. *Scandinavian journal of medicine e science in sports*, 25(4), 568-580.